



}1.4

Literatura e antropologia em Teixeira de Pascoaes

José Acácio Castro

*"Vede o homem sonhando; e, pelo sonho
Remindo as ermas coisas transitórias,
Concluindo a imperfeita Criação,
Que Deus iniciara..."*

Teixeira de Pascoaes,
"*Regresso ao Paraíso*", 1912

Este texto surgiu a partir de uma entre as múltiplas interrogações, por vezes mesmo perplexidades, que a obra de Pascoaes me colocava à medida que a desvelava.

A imagem porventura mais saliente que nos ficou gravada do poeta é a do vate que diante da grandeza solitária do Marão, mergulhava numa profunda comunhão com a Mãe Natureza. Quando Pascoaes exclamava no poema "*Tardes de Outubro*": "*Oh Natureza! Qualquer coisa existe/ d' íntimo entre o meu peito e a tua Essência...*"¹ não exprimia apenas um vago sentimento naturalista. É

¹ Pascoaes, Teixeira de, *Sempre*, Obras Completas de Teixeira de Pascoaes, Ed. Assírio e Alvim, Lisboa. Para os textos de Teixeira de Pascoaes utilizaremos sempre esta edição.

sobretudo a tradução poética de uma experiência vital que cultivou toda a vida, desde a infância, quando tratava as árvores velhinhas “*como se fora um enfermeiro*”², até à velhice, na escolha dilecta do pinheiro que lhe serviria de caixão fúnebre.

Mas esse génio algo eremítico é o mesmo que numa das suas últimas obras, *O Homem Universal*, afirma: “*O homem universal, o verdadeiro persiste através de tudo.*”(…)“*o homem universal, o homem novo, eis o que eu tenho cantado desde sempre, ou desde o “Sempre”, desde o meu primeiro vagido poético á última rala*”³;

É nessa distância entre uma singularidade genuína, hoje talvez mesmo exótica, e esse *homem universal e paradigmático, integral* dirá ele, que se abre espaço para uma concepção de ser humano, penetrante e pluriforme, desde as suas emoções mais tangíveis representadas metaforicamente, até à *noesis* poético-filosófica, qual *ave metafísica*, como ele próprio se revia.

Elevando um pouco mais a interrogação ela passará a ser: será que a vasta obra de Teixeira de Pascoaes, conjugando textos poéticos e ensaísticos, nos oferece uma reflexão antropológica de contornos genuínos no contexto do pensamento português da primeira metade do séc. XX?⁴

Aqui procurarei responder à questão salvaguardando que, como ele afirma, encontraremos “*uma concepção não um conceito*”⁵. E que essa concepção, se acaso for única, é mais fruto da convergência de aproximações intuitivas do que de uma construção lógica e sistemática, da luz que fica após a sucessão de relâmpagos, mais do que a do sol vertendo sobre uma paisagem cultivada em simetria.

No entanto, apesar do carácter assistemático, fragmentário, por vezes mesmo, intencionalmente contraditório da sua “*filosofia poética*”⁶, creio ser

² O episódio é evocado na obra biográfica de referência de Maria da Glória Vasconcelos, *Olhando para trás vejo Pascoaes* (p.92) e também é aludido no estudo que melhor articula a biografia de Teixeira de Pascoaes com a evolução do significado poético filosófico da sua obra: Mário Garcia, *Teixeira de Pascoaes, - Contribuição para o estudo da sua personalidade e para a leitura crítica da sua obra*, Publicações da Faculdade de Filosofia de Braga, Braga, 1976, p.9.

³ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, Ed.Assírio e Alvim, vol.XII, pp. 47 e 56.

⁴ Ao nível da vertente antropológica do pensamento de Pascoaes é de referência incontornável o estudo de Manuel Ferreira Patrício, *O Pensamento Antropológico de Teixeira de Pascoaes*, in *Nova Renascença*, vol. XVII, 1997, pp. 21-48.

⁵ Sobre o tema ver Manuel Ferreira Patrício, *ibidem*, p.36.

⁶ Jorge Coutinho, a meu ver, foi o estudioso quer melhor caracterizou epistemologicamente essa “*filosofia poética*”, caracterizando os seus diferentes planos de significação e reflexão: “*O pensar pascoaesiano obedece a três modos fundamentais, que são também três momentos do pensamento. Sendo, na sua raiz mais profunda e em seu momento primeiro, um pensar poético, é, num segundo momento, complementado pelo pensar hermenêutico; e é, algumas vezes, num terceiro momento, submetido ao pensar reflexivo*”. Coutinho, Jorge, *O Pensamento Poético de Teixeira de Pascoaes in História do Pensamento Filosófico Português*, dirigida por Pedro Calafate, vol.V. tomo I., Ed.Caminho, Lisboa, 2000, p.29.

possível, ao nível antropológico, destacar quatro pólos essenciais, em torno dos quais podem confluir as principais intuições ou reflexões pascoaesianas. Eles são: o Homem na sua relação com a Natureza e o Cosmos; o Homem enquanto ser que conhece; o Homem e o arquétipo da Saudade; o Homem na sua relação ascensional e teleonómica com Deus.

O Homem e o Cosmos

No *Homem Universal*, comentando o poema do *Sempre* já citado Pascoaes afirma: “Houve um instante em que as pedras e os montes me falaram. E fiquei a ser esse instante”⁷. Antes de um momento reflexivo ou mesmo contemplativo, tudo parece iniciar-se numa autêntica relação empática, amorosa com a Natureza e a pluralidade dos seres que a constituem. Uma ampla emoção franciscana, como ele mesmo reconhece: *O sol não é santo em Francisco de Assis? (esse) Santo panteísta*⁸.

Podemos falar de uma sensibilidade ontológica pela qual o poeta é plenamente permeável aos seres da criação que assim se tornam “*imanescentes ou revelados à nossa consciência*”⁹. Esse estado de comunhão quase beatífica e transparente com a Mãe natureza, Permite ao poeta auto-interpretar-se como alguém que mais não faz do que cantá-la nos seus versos: “*Ouçó, em meu coração, tudo o que existe! / E nem faço mais que repetir, / Num frágil verso pobre, humano e triste, / O que me diz a terra misteriosa..*”¹⁰.

Mas se a Natureza se constitui a instância inicial do *fazer* poético e filosófico, a atitude do poeta não se revela apenas estática e receptiva. Ao homem cabe fazer a ressonância da Natureza, mas também iluminá-la com a luz da sua consciência. Em *Marânus* referindo-se ao gesto interior da sua alma escreve: “*Penetrando, com íntimas raízes, / A terra, a branca névoa, o sol a arder; / e extraindo do sol, da terra mãe, / a essência espiritual e imorredoura, / para acender além de tudo, além, / Maravilhas de luz, visões de Deus*”¹¹.

No entanto, esse espécie de transparência, de comunhão quase virginal entre homem e natureza, não resiste às interrogações filosóficas essenciais: qual a origem do Universo e da Natureza? Existirá uma razão ética inerente ao homem enquanto ser da natureza? Se existe um Deus Criador infinito e eterno que relação tem com a finitude humana e natural?

⁷ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, Ed.Assírio e Alvim, Lisboa, 1993, p.68.

⁸ Pascoaes, Teixeira de, *ibidem*, p.81

⁹ Pascoaes, Teixeira de, *ibidem*, p.8

¹⁰ Pascoaes, Teixeira de, *Sombras*, O.T.P., Assírio e Alvim, vol XV, p.71.

¹¹ Pascoaes, Teixeira de, *Marânus e a Sombra do Marão*, *ibidem*, vol.IX, p.46.

A obra de Pascoaes é, em grande parte, uma resposta a estas questões. Contudo, nele encontramos aquilo que eu designaria um *pensamento oscilante*, onde os conteúdos ou as suas formas se metamorfoseiam como se essa fosse a própria condição da vida e do pensamento¹². Na sua poesia ou prosa filosófica a assunção da contradição e da ambiguidade substitui o princípio lógico do terceiro excluído, a hipérbole e a metáfora poética são assumidas como mais verdadeiras do que a geometria racional ou a repetição experimental, o pensamento não se constrói arquitecturalmente, mas decanta-se na sucessão das intuições, como se aguardasse sempre a aparição da metáfora perfeita e definitiva.

Mas nessa quase vertigem noética é possível entrever um perfil definido, marcado por traços mais constantes e salientes. Um deles tem a ver com uma concepção das origens, logo da essência do Universo e da Natureza, de carácter pessimista, dualista e com uma clara matriz gnóstica.

Essa concepção está dispersa ao longo da obra, mas nos longos poemas *Marânus* e *Regresso ao Paraíso*, surge de modo mais directo e compacto. Aí, qual versão pascoaesiana do *Génesis*, o poeta descreve a sua interpretação da origem onto-cosmológica do Universo, culminando com a reintegração regressiva do ser humano e da natureza num paraíso perdido *ab initio*, então reencontrado e recuperado após um longo processo de evolução espiritual.

No início de *Marânus* lê-se: “No Princípio era a sombra, não a sombra/ Passiva e projectada, mas um voo/ De sombra que a si mesma se projecta; / Um fumo que era chama adormecida/ Aparência de morte e de silêncio,/ Mas escondendo a aparição da vida”¹³.

Encontrar no Princípio não o Verbo, a Luz, mas a Sombra, por si só seria diferença radical, mas Pascoaes estende esta mão de sombra e dor à génese e constituição essencial de toda a criação. Uma dor que é também a dor do poeta projectada nas coisas e seres: “Tudo o que existe,/ Além e aquém do nosso olhar,/ Bailava no meu choro,/ O que é chorar?/ É ver o sol, lágrima de ouro,/ Pela face de Deus a deslizar.”¹⁴ A voz que nos chega da criação é um gemido, ... *O Murmurar/ duma prece que foge para os céus.../ E em tudo nós sentimos palpitar/ O coração de Deus...*¹⁵

¹² Pinharanda Gomes no seu Prefácio à edição da Assírio e Alvim do *Homem Universal*, caracteriza a *poesia pensante* ou o *pensamento poético* de Pascoaes, como “(um pensamento) que não exige uma filosofia como envolvimento sistemática; antes parece requerer um pensamento ondulatório, mais fluido do que represo, mais intuitivo do que racional” (ibidem, p.VIII). Creio, todavia, que o termo *oscilante*, caracteriza melhor o carácter supra-lógico, aporético, de que Pascoaes reveste muitas das suas formulações. Se a sua obra, provavelmente por via nietschiana, se afirma frequentemente para além da moral, de uma concepção maniqueísta de bem e de mal o, ao nível gnoseológico, ela habita também numa região acima da lógica aristotélica.

¹³ Pascoaes, Teixeira de, *Marânus*, Ed.Assírio e Alvim, vol IX.

¹⁴ Pascoaes, Teixeira de, *Sempre*, poema “Lá”, p.132

¹⁵ Pascoaes, Teixeira de, *Sempre*, ibidem, p.131.

A dor natural remete-nos pois para uma dor metafísica: o gesto criador é essencialmente *queda de Deus*, queda da perfeição para a imperfeição, da plena Identidade para a alteridade dissociativa: *“A vida é queda da energia brutal, sorriso que ficou da gargalhada, reflexo dum incêndio longínquo. Desponta no crepúsculo da morte”*¹⁶. E esse Deus decaído vive ou revive com ressentimento o facto de já não ser absoluta e identicamente aquilo que era. Um sofrimento que originado em Deus se alastra a toda a criação, e particularmente ao centro dela, o coração do homem, contagiando-o com aquele *“Vago remorso, desgosto/ De viver a imperfeição da Criação”*¹⁷.

Esta cisão operada *ab initio* no próprio Deus torna-se constitutiva da própria criação. E a natureza, na sua essência, caracteriza-se por ser complementaridade de realidades opostas: *“O que é a natureza? Presença e ausência ao mesmo tempo”*¹⁸. Se existe uma lei constante na Natureza ela é a da complementaridade dos contrários ou na expressão de Pascoaes *princípio da identidade contraditória*¹⁹. O poeta alude-o insistentemente, mas exprime-o de modo sublime quando escreve: *“(na compreensão plena da Natureza) atingimos a esfera de Parménides feita da água de Heraclito”*²⁰.

No entanto, esta fractura dolorosa entre Criador e criatura, mesmo dinamicamente harmonizada pela *conciliatium contradictorum* traduz-se num acentuado dualismo entre matéria e espírito de cunho platonizante: *“A nossa alma é outro mundo e este mundo, feitos num ser volátil, borboleta ávida de luz. Mas voa dentro da lei ou a gaiola.”*²¹.

Ser absoluto porque tudo se origina nele, mas também diminuído porque toda a carência e imperfeição dele deriva, esse Deus decaído sonha com a sua própria redenção e vê na sua obra mais perfeita, o homem, o cúmplice ideal para concretizar esse projecto²².

No Prólogo de *O Homem Universal* Pascoaes apresenta a definição mais paradigmática de ser humano, qual síntese de tudo o que a sua obra já exprimira nesse sentido: *“O destino do homem é ser consciência do Universo em ascensão perpétua para Deus”*²³. A alusão teológica está longe de significar uma identidade com a teologia ou mesmo a mundividência cristã. Desde a Patrística grega aos nossos dias esta assenta em algumas premissas essenciais,

¹⁶ Pascoaes, Teixeira, *O Homem Universal*, p.51

¹⁷ Pascoaes, Teixeira de, *Terra Proibida*, Assírio e Alvim vol XVI, p.274.

¹⁸ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.70

¹⁹ Paulo Borges, em *Índias Espirituais e ilusão em Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*, in Revista Nova Águia, n.º4, Ed. Sefiro, Sintra, 2009, pp.32-34 refere a importância deste tema na cosmovisão de Pascoaes.

²⁰ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.79

²¹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.84

²² Nesta concepção são evidentes as semelhanças com outro grande pensador português de matriz gnóstica, Sampaio Bruno.

²³ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.5

sendo uma delas o facto de o homem ter sido criado por Deus à *sua imagem e semelhança*. Ora se a criação é entendida por Pascoaes como cisão, queda e diminuição de Deus, a comunhão ontológica entre Criador e criatura será sempre muito limitada, nunca sinal de plenitude. Logo, formal e essencialmente, a criatura, mesmo a mais perfeita, nunca poderá ser *imagem e semelhança* de um Deus tragicamente arrependido do seu gesto criador²⁴.

Todavia, isso não impede que Deus tenha criado o Universo com um desígnio, uma finalidade, logo, um dinamismo específico. Do mineral, ao vegetal, do vegetal ao animal, deste ao humano, do humano aos seres estritamente espirituais, do planeta, à estrela, desta à nebulosa, culminando no divino éter, tudo no Universo obedece à lei do transformismo evolutivo, já teorizada por Haeckel, e subscrita por Teixeira de Pascoaes, embora este lhe dê superior amplitude ao incluir domínios de pura existência espiritual²⁵.

Sim, porque como ele escrevia em *Marânus*, “*O que é a Natureza? E qualquer coisa/ que não sendo matéria nem espírito,/ na sua evolução misteriosa,/ toma formas de espírito e matéria*”²⁶.

“*O homem aparece como suprema expressão consciente ou sintética da Natureza, e como a sua libertação da fatalidade material e da morte mineral*”²⁷.

Mediador entre a matéria e o espírito, porque feito dos dois, a ele cabe a enorme tarefa de “*Concluir a imperfeita Criação/ Que Deus iniciou*”, escreve em *Regresso ao Paraíso*²⁸.

Mas esse lugar e função privilegiados entre todas as criaturas deve-se pois não a ser *imagem e semelhança de Deus*, mas *imagem da criação intimamente desenhada*.

Dando continuidade a uma concepção medieval e renascentista, o homem é um *microcosmos*: “*Filho das árvores, o homem será sempre um vegetal enraizado em primitivos instintos (...) (mas também) o Universo humanizado ou elevado a uma forma consciente*”²⁹.

No entanto, se o homem em si, reflecte todas as leis da Natureza não o faz de forma estática e passiva: “*O homem é o mundo em viva síntese consciente. A natureza para o criar, reuniu-se d todos os materiais: Somos um edificio construído, por fora, com toda a terra, e iluminado por dentro, com todas as estrelas. E nele vive, silencioso e prisioneiro, o fantasma do seu arquitecto*”³⁰.

²⁴ Sobre este subtil tema é de referência o estudo sobre Teixeira de Pascoaes na obra de António Braz Teixeira, *Ética, Filosofia e Religião- Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Ed.Pendor, Évora, 1997, pp.57/60.

²⁵ Em *O Homem Universal* escreve: “*O animal excede o vegetal, e este o mineral. E o homem, sendo o mundo, excede o mundo, para o definir ou abranger em pensamento*” (p.53).

²⁶ Pascoaes, Teixeira de, *Marânus*, p.208.

²⁷ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.113

²⁸ Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao Paraíso*

²⁹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, pp.94-95

³⁰ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.55

Esta metáfora não pode deixar de nos evocar a célebre alegoria platónica da caverna. E é este fantasma que internamente, nostalgicamente arde no coração do homem, que faz dele também um ser sempre em vias de se exceder, de se *redesenhar*, através da consciência e do pensamento.

Em o *Homem Universal* evoca o belo verso de *A Minha Alma*: “Ouvia, dentro em mim, como um sentido a abrir...”. Para logo comentar: “Para lá desta região média em que habitamos, um outro plano se esboça igualmente pressentido”³¹.

É esse apelo e poder excessivo de se elevar acima do seu nível, que faz dele não só consciência do Universo, mas consciência em evolução e ascensão para Deus. “A nossa vida é um perpétuo desejo de ir mais além, asa que tende para cima”³²; “E, deste modo, a matéria e o espírito coexistem em nós, mas num conflito que é a alma da tragédia”³³. O homem é assim microcosmos e é alma sequiosa por conhecer e se reunir com o divino. Pelos dois motivos conjuntos, não é apenas homem, mas *homem integral*³⁴.

Define-se a primeira determinação do *homem universal*: *mediador* do cosmos e da natureza, e *mediador* entre o domínio material e o domínio espiritual. A este nível é muito significativo o facto e Pascoaes complementar, equilibrar o seu incontestável platonismo, particularmene a concepção da alma prisioneira num corpo e num mundo adversos, paralisantes dos sua vocação a mais altos voos, ou o referido transformismo evolucionista, uma teoria de vanguarda nos meios científicos da época. Escreve Pascoaes: “Toda a vibração é sonora e ondulatória, desde que penetra na atmosfera. A luz é onda luminosa e sonora, neste gasoso invólucro do planeta. Mas há ondas infra e supra sonoras, como as há infra e supra luminosas. Estas fogem ao nosso olhar e ao nosso ouvido, desabrochados na região média ou central do Cosmos, em pleno reino da Virtude. Mas a imaginação prolonga-nos os sentidos, através da sombra que se ilumina e do silêncio que se faz música. É o céu entreaberto...”³⁵.

E aqui anuncia-se já o segundo plano de abordagem da antropologia pacoaseana: o homem enquanto ser que conhece.

O Homem e o Conhecimento

A obra de Pascoaes, mesmo em prosa, é uma apologia da poesia, quer como meio de expressão, quer como forma de conhecimento.

Escreve em *O Homem Universal*: “O meu pensamento sou eu próprio; e

³¹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.70.

³² Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.61

³³ Pascoaes, Teixeira de, *O Pobre Tblo*, p.16

³⁴ Em o *Homem Universal* podemos ler: “O homem universal ou integral é um sábio e um poeta e outras entidades ainda esboçando, lobos e javardos, ou irmãos dos cometas radiantes, fantasmas da edénica serpente atrás de Eva, a mulher perdida no Infinito ou Maria Magdala” (pp.98-99).

³⁵ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.24.

*eu sou o produto do meu trabalho, da minha dor, pois todo o esforço é dor, excesso, desejo que se intensifica para ultrapassar a sua esfera".*³⁶

Vimos como o poeta caracteriza o homem com um *ser em excesso*, e em *vias de se exceder*; aqui complementa esta ideia com a concepção de que o pensamento é indissociável do seu sujeito, *desta carne, destes ossos, desta circunstância* que o enunciam. Nada mais estranho a Pascoaes do que uma concepção kantiana, transcendental do sujeito e do conhecimento.

Ao reflectir sobre o conhecimento humano critica aqueles a quem *"falta a sensibilidade ontológica, idêntica às próprias cousas tornadas imanentes e reveladas á nossa consciência"*³⁷. Como bem salientou Manuel Ferreira Patrício³⁸ trata-se de uma intuição directa e não de uma construção racional. Em Pascoaes não há dissociação entre gnoseologia e ontologia: *"Conhecer é ser"*³⁹. Numa perspectiva que poderíamos quase classificar como heideggeriana afirma inequivocamente: *"A essência das coisas, essa verdade oculta na mentira, é de natureza poética e não científica"*⁴⁰. Assim quando fala sobre a verdade prefere a *desocultação* à *adequação*, a *experienciação* à *experimentação*, a *intuição* ao *sistema*.

Em Teixeira de Pascoaes o universal não se atinge por uma generalização a partir de um conjunto de indivíduos, mas pelo aprofundamento de uma singularidade em direcção à sua essência. A via por excelência é a poesia.

Mas quando tudo parece definitivo o poeta surpreende-nos mais uma vez: *"Na minha obra sempre considere o homem um valor absoluto na sua actividade espiritual, que é a síntese consciente do Universo: consciente e emotiva, ou científica e poética"*⁴¹.

Apesar da proeminência concedida ao pensamento poético, Pascoaes não envereda por um gesto intelectual disruptivo, anatemizando o conhecimento racional, dialéctico e científico. Pelo contrário, se o homem é a *síntese consciente* do Universo, impõe-se que realize a síntese primeiro em si mesmo e nas suas faculdades. O paradigma e figura conceptual de que se serve para gerar essa síntese é o da harmonia, da harmonização⁴². Em o *Homem Universal*, a este nível, uma obra de maturidade, repete-o frequentemente: *"O nosso espírito, interpretando, define e conclui. Muda o esboço que é promessa num desenho, essa dádiva; transforma a realidade caótica em verdade harmoniosa" (...)* *"Temos de harmonizar o absoluto e o relativo, o real em si, e nas suas manifesta-*

³⁶ Pascoaes, Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, p.14.

³⁷ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.8

³⁸ Patrício, António Ferreira, *O Pensamento Antropológico de Teixeira de Pascoaes*, ibidem, p.24-25.

³⁹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.22.

⁴⁰ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.7.

⁴¹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.15.

⁴² Manuel Ferreira Patrício em *O Pensamento Antropológico de Teixeira de Pascoaes*, ibidem pp.27-28, explicita claramente esta ideia.

ções ou aparências, o ser e os seres, o campo electromagnético e o sorriso das estrelas"⁴³.

Se a matemática é o paradigma do saber racional e científico, e a poesia do saber intuitivo fundado na emoção e na sensação, no homem integral, consciência em ascensão permanente, eles harmoniza-se, isto é, unem-se sem perder a identidade e atingem o mesmo fim, o mesmo *telos*, razão da existência humana, a consciência do seu lugar e missão no universo: *"A poesia e a matemática demonstram a nossa identidade com as coisas visíveis e invisíveis, próximas e remotas ou desdobradas em outros planos transcendentais, em trânsito perpétuo do imaterial para o material e deste para o anímico"*⁴⁴. E num amplexo que pretende ainda voar mais alto: *"O nosso pensamento verificou a sua existência e foi mais longe; reconheceu-se como expressão suprema da Existência: expressão filosófica e poética ou racional e emotiva"*⁴⁵.

Esta harmonização de saberes e de discursos só é possível porque no *homem integral* existe uma harmonização e uma convergência de faculdades.

Ainda em *O Homem Universal* escreve: *"O Sentimento faz-se pensamento, a emoção é a mesma substância da consciência, a argila do seu perfil. E é por ímpetus emotivos que a consciência se ilumina e desvenda, a si mesma, novos recantos obscuros. A razão embriaga-se para dar um passo para a frente. O intelecto é uma forma lapidar da sensibilidade, que é a informadora do sensível. Este identifica-se àquela naturalmente. Confundem-se como a alma e o corpo"*⁴⁶.

O horizonte gnoseológico de Pascoaes vai ainda mais longe do que a definição de uma harmonia ou complementaridade de faculdades. No autêntico conhecimento a sensibilidade racionaliza-se e a razão torna-se sensível: *"A emoção tem a sua lógica, a sua forma orgânica, as suas parcelas em acordo com a soma E a razão não tem a sua música?"*⁴⁷. Podemos mesmo nomear um princípio de reversibilidade de faculdades, nomeadamente entre emoção e razão. E Pascoaes exprime-o de modo definitivo: *"Amar é conhecer,/ e compreender a treva é ser claridade"*⁴⁸.

As últimas duas décadas, particularmente com o desenvolvimento analítico da neurobiologia têm contribuído para uma reformulação essencial de dados epistemológicos e gnoseológicos que pareciam adquiridos. Sob a ampla e às vezes vaga designação de *razão emocional* tem-se efectivamente procurado superar um racionalismo que, no mínimo, remonta a Descartes e que se caracterizou quer pelo seu totalitarismo sitémico, quer pela sua metodologia que dividia e compartimentava mais do que unia e integrava.

⁴³ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, pp.15-16

⁴⁴ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.18

⁴⁵ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.19.

⁴⁶ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.19

⁴⁷ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.18

⁴⁸ Pascoaes, Teixeira de, *Sempre*, 2ª ed.1902.

Quase um século antes Pascoaes propunha algo profeticamente um modelo de conhecimento e um perfil antropológico adjacente, que a ciência actual, bem mais fina e subtil do que o mecanicismo materialista de finais do séc.XIX, acabaria por confirmar. Esse não terá sido dos seus gestos menores.

Manifesta-se assim a segunda determinação da antropologia de Pascoaes: o homem em busca da harmonia de si, através da harmonia das suas faculdades.

O Homem e a Saudade

Como bem observaram Mário Garcia e António Cândido Franco⁴⁹ a obra de Pascoaes é marcada desde início por um forte sentido da perda e da nostalgia a ela se associada.

Será de reter a expressão dos dois autores pois elas complementam-se. Mário Garcia refere que *"a teoria da distância e da ausência, que Pascoaes irá explicar a partir do Verbo Escuro, não é mais do que a sublimação de um doloroso fracasso afectivo"*⁴⁹, enquanto António Cândido Franco refere que a cosmovisão pascoaeseana está intimamente ligada *"à experiência ontológica da dor, sentida na história pessoal do sujeito como uma ruptura com a imobilidade da infância, (...) idade em que as coisas são ainda "verdade" e "clara luz"*⁵⁰.

Três episódios são essenciais e marcantes neste processo: a visão/encontro com a pastorinha *branca e loira* falecida aos quinze anos com tuberculose e que, terá inspirado, pelo menos, vários poemas de *Terra Proibida*, *Vida Etérea* e *as Sombras* ; a dolorosa saída da terra natal, berço dessa *idílica planície* que foi uma infância tutelada pela protectora figura materna e pela Natureza exuberante e maravilhosa: *"a minha infância decorreu entre seres mitológicos, o rio, a sombra das árvores, a tristeza da tarde, que se me afigurava uma deusa enamorada de mim, a noite e os mendigos tocados do resplendor de Cristo"*⁵¹; a jovem britânica Leonor Dodge perdida em Amarante, nunca reencontrada, por timidez, no Porto e em Londres, uma vez mais a encarnação do *eterno feminino*, sempre no horizonte, nunca alcançável, insistentemente presente, mas também tragicamente ausente.

Apesar de podermos circunstanciar e localizar biograficamente este universo de perdas, o mais significativo terá sido a forma como Pascoaes o

⁴⁹ Garcia, Mário, *Teixeira de Pascoaes – Contributo para o Estudo da sua Personalidade e para a leitura crítica da sua obra*, ibidem, p.85 .

⁵⁰ Franco, António Cândido, *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Edições do Tâmega, Amarante, 1994, p.57s. Esta obra, além de ser incontornável para o estudo do poeta constitui, a meu ver, a mais completa *analítica da saudade*, no plano antropológico, gnoseológico e ontológico, escrita até hoje.

⁵¹ Pascoaes, Teixeira de, *Duplo Passeio*, O.C.T.P., Vol X p.156.

transpõe poética e filosoficamente para a sua obra. E, ele elevou-o à máxima amplitude ao considerar que é a própria criação e, veremos, o próprio Deus que são matriciados na perda, na queda, na falibilidade, na imperfeição.

Esta perspectiva conduz a uma espécie de ontologia negativa que afecta toda a existência, e particularmente a humana, de uma ambiência de sombra e pessimismo. Escreve ele em *Terra proibida*: “*Eu era o condenado/ Bem antes do pecado:/ O ante-remorso estranho de viver,/ Porque o supremo crime é, na verdade, ser!*”⁵².

O poeta que com cristalina inspiração franciscana canta a beleza das criaturas da natureza, “*irmãos em Deus*”, é o mesmo que agora escuta atentamente “*o canto magoado*” desses mesmos seres, a “*dor cósmica*” ressoando por toda a criação. Ao berço maravilhoso da infância, lugar de comunhão e paz, segue-se o “*exílio*”⁵³ no mundo da individuação e da separação dos seres e das pessoas, o mundo da dissociação.

Na obra e na particularmente na poesia de Pascoaes a memória virá assim a ter um papel essencial, pois trata-se de uma autêntica função catártica e libertadora. Pela memória e pela invenção criativa o passado temporal e existencial, idade idealizada, idade de ouro, é recriado, trazido para o presente, abrindo-se através do acto poético, uma clareira de ser, onde o sujeito se reencontra de novo. Trata-se de um acto poético e religioso pois o sujeito alienado religa-se novamente ao real e a si mesmo. Se recordarmos uma das primeiras acepções do termo *Verdade* na cultura grega, que também é a nossa, verdade é *Alétheia*, o contrário de *Léthes* que significa esquecimento. Para estar na verdade é pois necessário recuperar as coisas e as pessoas dessa região de penumbra ou vazio que é o esquecimento, uma forma de morte.

Pascoaes chamou *Saudade* a essa faculdade humana essa “*possibilidade que o homem tem, pese embora a imperfeição com que foi criado, de alargar no plano individual os limites da vida, livrando da morte os seres que por imperativo biológico até ela tinham descido, dando-lhes uma nova vida, um renovado ânimo, que nem mesmo Deus, caso quizesse, lhes poderia dar*”⁵⁴.

Entre as múltiplas definições e referências à saudade, Teixeira de Pascoaes legou-nos uma que sobressai pelo seu carácter sintético, lapidar: “*A saudade, incidindo sobre o futuro, é esperança ou desejo, como é lembrança quando incide sobre o passado*”⁵⁵. Se nos recordarmos que o homem se caracteriza pela sua *excedência*, se quisermos, pela sua absoluta não-instalação, a saudade

⁵² Pascoaes, Teixeira de, *Terra Proibida*, O.C.T.P., vol I, p.236.

⁵³ Sobre este tema do mundo como “*exílio*” do poeta ver Jorge Coutinho, *O Pensamento Poético de Teixeira de Pascoaes* in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol V, tomo I, pp.26 ss.

⁵⁴ Franco, António Cândido, *ibidem*, p.65.

⁵⁵ Pascoaes, Teixeira de, *Livro de Memórias*, Prefácio de António Cândido Franco, Ed.Assírio e Alvim, Lisboa, 2001, p.139.

é o dinamismo interior que o arranca a um presente apático e o atrai, através da memória, para o passado, através do desejo e da esperança, para o futuro. A saudade obriga o homem a refazer-se constantemente, não em fuga-para-a-frente, mas em harmonia com a(s) sua(s) memória(s). E não se trata de retórica, ou de especulação metafísica sem consequências. Esse gesto impediria, por exemplo, uma utilização vertiginosa e sem critérios das tecnologias, impediria cair num relativismo ou mesmo num vazio ético. Porque essas atitudes só vingam sobre o cadáver das memórias do próprio homem, quer no que se refere ao seu universo de valores valores, quer a nesse fio ténue, intermitente, mas que tem sustentado muito da nossa civilização e que se chama humanismo. Um desafio que foi tão actual no início do século XX, como agora no início do século XXI.

Mas se volvermos a um plano da existência individual, particularmente da sua dimensão emocional, aí também a saudade se revela simultaneamente fonte de tristeza e alegria, melancolia e ímpeto criativo, como Pascoaes escreve num belíssimo poema de *Versos Pobres*: “Ó saudade, ó saudade/ Que nos meus olhos és perfeita claridade.../ Sombra humana que em si contém a luz divina./ Veio de água cristalina./ Onde esta sede de infinito saciamos! / Lira da nossa melodia.../ Árvore da tristeza, com ramos/ floridos de alegria.”⁵⁶.

A saudade, se permite uma reconciliação antropológica e ética do homem com o seu passado, é também o garante de uma autêntica restauração ontológica do real, um real diminuído fruto de um lapso divino: “Vede o Homem sonhando; e, pelo sonho/ remindo as ermas coisas transitórias,/ concluindo a imperfeita Criação/ que Deus iniciara”⁵⁷.

Vimos anteriormente como o real se tecia a partir da lei da complementaridade dos contrários. Ora a um nível analítico, a saudade é um sentimento bipolar, misto de lembrança e esperança, que se equilibram dinamicamente no tempo psicológico e agencial do sujeito, mas também se equilibram estruturalmente. Isto é, é porque nos lembramos e simultaneamente desejamos esperando que atribuímos e acrescentamos sentido à existência, e assim realizamos o ideal de felicidade tanto quanto isso é possível neste mundo. Portanto a saudade realiza o princípio da complementaridade dos contrários na nossa vida interior, constituindo o núcleo da nossa consciência: “Há uma centelha divina que se mantém intacta em nosso ser”⁵⁸.

É esse paralelismo entre o interior do homem e o universo que o rodeia que permite a Pascoaes afirmar que a consciência se move não só em *ascensão perpétua*, mas também *de dentro para fora, do interior para o exterior*: “Toda

⁵⁶ Pascoaes, Teixeira de, *Versos Pobres*, O.C.T.P., vol VI, p.92

⁵⁷ Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao Paraíso*, O.C.T.P., vol IV, p.196.

⁵⁸ Pascoaes, Teixeira de, *Livro de Memórias*, ibidem, p.140.

a criação é um movimento de dentro para fora, um sujeito a objectivar-se, um negativo imaterial a afirmar-se materialmente”⁵⁹.

Na saudade, enquanto princípio da identidade contraditória presente no núcleo da consciência humana, encontramos a terceira determinação da antropologia pascoaeseana.

O Homem e Deus

Se o pensamento de Pascoaes é oscilante, contraditório, enigmático nos mais diversos domínios, é-o talvez ainda mais na sua concepção de Deus e no modo como define a sua relação com o Homem.

Em *Regresso ao Paraíso* escreve: “*É no meio de espectros que passeia/ E vive Jeová, abstracto e triste./ Como que cego e surdo à luz do Olimpo/ E aos cânticos e à música dos Anjos./ E quantas vezes – quantas! -/ Em seus olhos há lágrimas de dor,/ Onde flutuam, frias, desbotadas As imagens das coisas que morreram.../ Seus olhos marejados e profundos,/ Fazem lembrar sepulcros cheios de água.*”⁶⁰.

No opúsculo *A Caridade*, publicado em 1922, dez anos mais tarde, lemos: “*A caridade é a suprema expressão do amor divino, porque é a força da simpatia elevada à mais pura e perfeita transcendência. É o sentimento de cósmica unidade, de universal identidade, de infinito amor. A caridade é propriamente Deus. A caridade é Deus ou, pelo menos, a sua imagem iluminada em nosso coração compadecido*”⁶¹.

Difícilmente imaginamos o mesmo autor em ambos textos. E Deus, será o mesmo?

Uma parte da questão é esclarecida pela distância cronológica entre os textos, sinal que o pensamento de Pascoaes evoluiu ou, no mínimo, se alterou.

A concepção onto-cosmológica da queda, do erro de Deus, na criação do mundo a que já me referi é, provavelmente a matriz teosófica mais importante do pensamento de Teixeira de Pascoaes, na linha do que encontramos noutros autores entre os quais destaco Sampaio Bruno. E é a cosmovisão dominante nos textos de uma primeira fase da sua obra, entre os quais, *Sempre, Terra Proibida, Jesus e Pã, Vida Etérea, Sombras, Senhora da Noite, Marânus e Regresso ao Paraíso*. Estes dois últimos representando a maturidade dessa mesma concepção.

Ao criar o mundo Deus, cindindo-se, fica ontologicamente diminuído, desdobrando-se no *Outro* que é a criação, *exila-se das suas potencialidade*⁶²,

⁵⁹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.12.

⁶⁰ Pascoaes, Teixeira de, *Regresso ao Paraíso*, p.155.

⁶¹ Pascoaes, Teixeira de, *A Caridade*, O.C.T.P., vol. XII, p.141.

⁶² Sobre o tema ver António Cândido Franco, *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, pp.59 ss

retrai-se perante o infinito do universo. Afirmar que Deus está nas coisas, é uma afirmação que carece de uma correcção essencial: na criação *"Deus está morto e sepultado"*: *"Deus sofre no Universo; e nele vive,/Pregado e ensanguentado; e os astros são/ Cravos que as mãos e os pés lhe dilaceram; e o seu perfil divino é escuridão"*⁶³.

Efectivamente estamos perante um transcendentalismo panteísta, pois nem transcendência nem imanência, subsistem por si só, concentrando cada uma o poder e o mistério do divino. Pelo contrário este revela-se na intersecção de ambas, representando cada uma a continuidade ontológica natural da outra. Mas isto sempre com um sentido trágico de perda. A transcendência diminui-se na imanência, e esta revela-se impotente ao necessitar da transcendência para se iluminar em plenitude. O sentido último da vida esclarece-se no trânsito entre ambas, na necessidade nostálgica e no dinamismo que uma cria em relação á outra: *"Deus não está nas cousas do Universo./ Ao encarnar, a ideia morre. Em cada verso,/ Repousa o poeta fulminado.../ Rezada, é já fantasma íntima prece:/ A dor, que se condensa em lágrima, arrefece,/ E a criação é Deus já morto e sepultado. Deus vive, Deus existe,/ Não em sua obra humana, errada e triste/ mas em remoto vulto de lembrança/ E de Esperança..."*⁶⁴.

A mortalidade e a finitude obras de Deus só poderão ser remidas pelo homem. De certo modo o homem não só complementa, mas substitui Deus: *"Deus, sem a vida humana, seria uma potência infinita caída numa infinita inércia"*⁶⁵. A ideia de homem em Teixeira de Pascoaes é tudo menos uma plácida e analógica imagem do Deus Criador. Já no livro *as Sombras* Pascoaes, provocatório e algo hereticamente, tinha elevado até ser Deus, mas também até ser Satã: *"Homem exulta e canta! Foste a origem de Deus, tu que és Satã! Tu que és imundo concebeste a Pureza! E, sendo o Crime,/ Foste a fonte do Bem! Tu, que és um mundo/ De morte, imperfeição e maldição,/ Fizeste o paraíso! Ergue os teus olhos,/ E ergue neles teu forte coração;/E a tua obra contempla de joelho."/*⁶⁶.

Mas especificamente, que obra essa que fazendo-a faz do homem Deus? Além dos três reinos, mineral, vegetal, e animal, Pascoaes aponta para a existência de um quarto reino espiritual constituído por todos os fenómenos psíquicos, anímicos e espirituais frutos da actividade humana. Se os dois primeiros culminam no homem, obra perfeita de um processo evolutivo, o quarto nasce do ser humano e dirige-se para Deus, como que fechando um ciclo, melhor uma espiral. É nesse acto que o ser humano se revela por excelência

⁶³ Pascoaes, Teixeira de, *As Sombras*, O.C.T.P. vol III, p.129.

⁶⁴ Pascoaes, Teixeira de, *Sempre*, O.C.T.P., vol I, p.214.

⁶⁵ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.143.

⁶⁶ Pascoaes, Teixeira de, *As Sombras*, O.C.T.P. p.53.

um ser vocacionado a exceder-se, a ultrapassar-se *numa ascensão perpétua dirigida para Deus*.

E esse quarto reino é tão real como os restantes: não é constituído por meros produtos mentais ou imaginativos, mas por seres espirituais ontologicamente subsistentes, que a actividade humana sublimou e idealmente fixou. No opúsculo *O Sentido da Vida* escreve: *“Assim como do Reino vegetal saiu o animal, assim do homem nasceram os seres psíquicos superiores, formando um reino à parte e do qual o homem se aproxima constantemente, aperfeiçoando-se: eis o fim da vida humana”*⁶⁷.

O homem enquanto ser criador do reino espiritual e, desse modo, capaz de reaproximar e dirigir a matéria para Deus, eis a quarta determinação da antropologia de Teixeira de Pascoaes.

O pensamento teodiceico de Teixeira de Pascoaes, tecido nos contrastes, tensões e alternâncias que são próprios do autor, não subscreve contudo os dogmas essenciais da ortodoxia católica ou mesmo cristã, particularmente o da Santíssima Trindade. Assim embora Cristo assuma frequentemente o arquétipo do “mediador” por excelência entre Deus e o Homem, nunca é considerado a segunda pessoa da Santíssima Trindade, logo nunca é considerado Deus, mas sim um grande, o maior dos profetas.

No *Homem Universal* escreve: *“O deus dos peixes é o Mar, e o deus dos homens é o Homem, o seu ambiente ilimitado, espalhando-se para além do tempo, na eternidade, e, para além do espaço, no infinito. É nesse além que aparece o amor fraterno, a irmandade, a humanização da identidade, a encarnação do Verbo, Jesus Cristo”*.⁶⁸

Se Pascoaes parece não entender Cristo como a manifestação plena do divino no humano, interpreta-o como a realização hipostática dos mais nobres valores humanos, como o humano por excelência, logo o modelo que mais nos aproxima do divino. E esta constatação vem em crescendo desde as primeiras obras, *Jesus e Pan*, por exemplo, até às últimas, destacando *O Homem Universal*, e o opúsculo *A Caridade*. É no *Homem Universal* precisamente que encontramos uma das formulações mais definitivas da relação entre o humano e o divino: *“A criação é inexplicável isolada de um princípio espiritual ou criador. E esse princípio humanizou-se. Foi um momento sentimental supremo. Creio em Deus racionalmente, e creio sentimentalmente em Jesus Cristo. As duas crenças complementam-se, como a sensibilidade e a inteligência. E assim nos libertamos do Nada”*⁶⁹.

⁶⁷ Pascoaes, Teixeira de, *O Sentido da Vida* in *O Homem Universal e Outros Escritos*, O.C.T.P., vol XII, 118.

⁶⁸ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.63.

⁶⁹ Pascoaes, Teixeira de, *O Homem Universal*, p.106.

Parece que na fase final da sua obra Pascoaes se cansou do *braço de ferro* que travou com Deus durante quase toda a sua vida. Desde o início entendeu o Homem como um *ser em ascensão perpétua até Deus*. Mas se no início essa ascensão é uma conquista marcada por uma tensão heraclitiana e por uma tragicidade pagã, progressivamente o modelo da complementaridade harmoniosa, vai conquistando espaço e importância. Só então começa a desenhar-se na sua consciência pacificada a última e mais abrangente determinação da antropologia de Teixeira de Pascoaes: o Homem ajudante e cooperante de Deus no aperfeiçoamento e acabamento da obra da Criação⁷⁰.

⁷⁰ Aqui remeto mais uma vez para o excelente artigo de Manuel Ferreira Patrício, "*O pensamento antropológico de Teixeira de Pascoaes*", *ibidem*, p.44.